

## Índice

Perigo: grupo de pais de alunos no WhatsApp.....	1
A Índia veta a prática comercial das “barrigas de aluguer”.....	2
Contra a solidão, fomentar os laços entre gerações .....	3
“Sueños y pesadillas liberales en el siglo XXI” .....	3
“El retorno del mundo de Marco Polo” .....	4

### Perigo: grupo de pais de alunos no WhatsApp

Dedicados e orgulhosos com a sua profissão, mas cheios de *stress* e, por vezes, desanimados: assim se declaram os professores. O que mais lamentam não é o salário insuficiente ou a falta de recursos para ensinar, mas o excesso de tarefas administrativas e a perda de autoridade perante pais queixosos e descorteses, sobretudo se faltar apoio por parte da direção escolar.

Esses são dois problemas destacados pela Ofsted, a inspeção educativa de Inglaterra, num [relatório](#) (“Teacher well-being at work in schools and further education providers) elaborado a partir de um inquérito a mais de 4000 professores e diretores de escola. Mas o panorama não é totalmente negativo.

Em primeiro lugar, mais de três quartos dos professores estão contentes com a sua profissão, e somente 8 % se arrependem de tê-la escolhido. É um nível de satisfação muito superior à média nacional, pois outras sondagens revelam que quase um em cada quatro trabalhadores britânicos abraçaria outra profissão se pudesse voltar atrás.

Além disso, mais de 80 % dos professores dizem ter boas relações com os seus colegas, o que é um dos fatores mais importantes para estarem contentes com o trabalho.

Contudo, mais de um quarto dos novos professores abandonam durante os dois primeiros anos, e um terço nos cinco primeiros. Cerca de dois terços pensam que a profissão docente não é bem valorizada pela sociedade. E, por último, a percentagem dos que declaram ter um elevado nível de satisfação com a vida, é de 54 %, contra 82 % dos ingleses no seu conjunto.

Parece claro que o descontentamento dos docentes não é com a sua profissão, mas com as condições em que, de facto, a exercem.

Naturalmente, os professores ingleses não estão muito satisfeitos com os seus salários, tal como tantos outros, e têm menos recursos e ferramentas para ensinar melhor. Mas os seus maiores motivos de descontentamento não são tão materiais. Sobretudo, sentem-se [cheios de stress](#) devido à sobrecarga de trabalho e aos problemas com algumas famílias.

Os professores queixam-se de pais que lhes faltam ao respeito. Juntamente com uma minoria que lhes grita na cara em público, são mais os que os atormentam com protestos e exigências descorteses ou injustificadas por correio eletrónico. Não é raro que lhes escrevam durante a noite, e se na primeira hora da manhã seguinte não receberem resposta, a primeira coisa que fazem é ligar para a escola. Por isso, o relatório admite que talvez as escolas devessem restringir o acesso aos docentes por esse meio, e reproduz o testemunho de um deles. “Recebo entre 50 e 80 *emails* por dia”, afirma. “Alguns são importantes, mas vejo-me obrigado a rever todos”.

As redes sociais são outro âmbito onde se ventilam comentários negativos dos professores ou da escola. Os grupos de pais no WhatsApp costumam ser sítios que espalham mentiras murmurando-se a respeito dos docentes. O problema agrava-se, salienta o relatório, com a crescente implantação de *apps* para famílias nas escolas.

Em tudo isso, verifica-se que entre os pais se estendeu uma exagerada mentalidade de clientes. Em *apps* e grupos de *chat* apontam os professores ou os serviços escolares como turistas em apartamento contratado pela Airbnb. E, se têm acesso fácil, apresentam as suas reclamações diretamente. O que dá lugar a outro problema referido pelos professores: a falta de apoio por parte da direção, que se dá sobretudo quando o protesto dos pais está relacionado com a disciplina. Os professores percebem que demasiadas vezes os diretores se deixam intimidar, e não os defendem ou transferem-lhes a queixa sem a examinar nem atenuar. Por isso, a maioria do corpo docente disse à Ofsted que os pais têm demasiado poder sobre o pessoal das escolas, e alguns exercem-no.

A propósito disto, os professores pedem e a Ofsted recomenda, que as escolas sejam consequentes a exigir as normas de conduta. Quando não fazem assim, torna-se mais difícil manter a disciplina nas aulas e os professores são, por vezes, desautorizados perante os pais ou os próprios alunos.

A outra preocupação principal dos professores é que estão sobrecarregados. Trabalham 50 horas por semana (a média nacional é de 39 horas), um pouco menos de metade delas, dando aulas. O resto, que inclui tempo extra em casa, utilizam-no principalmente a programar e preparar lições, a corrigir exercícios escolares e em burocracia. As duas últimas tarefas são as que mais lhes pesam.

A Ofsted aconselha as escolas a rever a quantidade e a justificação dos exercícios que são dados aos alunos. Recorda-lhes também que há métodos para que a correção por parte do professor seja menos laboriosa; por exemplo, às vezes pode ser feita durante as aulas, ou recorrer à auto-correção por parte dos alunos.

Mais ainda se ressentem os professores do trabalho administrativo, porque consideram que contribui pouco para melhorar o ensino. 60 % dizem que levam demasiado tempo a preencher formulários, a assistir a reuniões, a recolher dados, a elaborar relatórios. Em geral, reconhecem que as avaliações quantitativas têm uma certa utilidade, mas ao mesmo tempo advertem ser necessário pôr termo às [métricas](#). Pedem-lhes imensos dados, tanto a escola como a inspeção educativa.

A Ofsted toma nota e promete rever os seus pedidos de informação. Também se propõe, e propõe às escolas, dar aos professores ferramentas que lhes facilitem e abreviem o trabalho burocrático.

R. S.

## A Índia veta a prática comercial das “barrigas de aluguer”

O Parlamento indiano aprovou uma lei que proíbe a prática comercial das “barrigas de aluguer” e permite a maternidade de substituição altruísta somente para casais indianos inférteis através de uma “parente próxima”.

Com o objetivo de evitar a exploração de mulheres pobres que se submetiam a esta prática em troca de dinheiro, a lei agora aprovada estabelece condições restritivas para utilizar a maternidade de substituição.

Só poderão recorrer a esta prática os casais indianos legalmente casados pelo menos durante cinco anos, com infertilidade medicamente comprovada. A mulher deverá ter entre 23 e 50 anos de idade, e o marido entre 26 e 55. Ficam excluídos os casais estrangeiros, os casais do mesmo sexo e os solteiros. Também os casais que já tenham algum filho, biológico ou adotado.

Só “parentes próximas” do casal que deseja o bebé poderão prestar-se a ser mães de substituição e de um modo altruísta.

O casal comitente não poderá abandonar o bebé assim gerado, qualquer que seja o seu sexo ou o seu estado de saúde, pois houve casos de bebés doentes recusados por clientes estrangeiros.

Se a lei vier a aplicar-se, irá fechar um setor de negócio que, segundo o ministro da Saúde, Harsh Vardhan, abarca entre duas mil e três mil clínicas que se dedicam a esta prática, em muitos casos de modo não oficial. Desde que foi legalizada a maternidade de substituição em 2002, a Índia converteu-se no mercado preferido para muitos casais estrangeiros, contando com agências e clínicas especializadas, médicos experimentados, escassa regulação e uma abundante quantidade de mulheres dispostas a ter filhos para outras em troca de dinheiro.

O preço era igualmente muito inferior ao de outros países, pois oscilava entre 20 000 e 30 000 dólares, menos de um quarto do que custa nos EUA. Desse dinheiro, a mulher gestante levava 8000 dólares, uma quantia significativa para uma mulher indiana pobre, mas a maior parte ia para a clínica e a agência que propiciava o negócio. Tudo isto deu lugar a uma indústria muito lucrativa, e também a escândalos de mulheres pobres exploradas e de bebés doentes recusados. A rede comercial que foi criada em torno do negócio das barrigas de aluguer e as histórias das mulheres recrutadas para esta prática analisaram-se no livro [“Wombs in Labor”, da socióloga indiana Amrita Pande](#), publicado em 2014.

A Índia junta-se assim ao grupo de países asiáticos que abandonaram a prática comercial das “barrigas de aluguer” ao serviço de clientes estrangeiros. Antes fizeram-no [Camboja](#), [Tailândia](#) e [Nepal](#).

## Contra a solidão, fomentar os laços entre gerações

A solidão não desejada não é um mal exclusivo dos idosos. Segundo o [World Economic Forum](#), o isolamento crónico pode vir a constituir uma preocupação para pessoas de diversas idades; de facto, segundo referiram especialistas participantes no Fórum no início do ano, 40 % dos menores de 25 anos afirmam sentir-se sozinhos.

O tema, pela sua transcendência, ficou na agenda de governos e instituições privadas. Em “[MercatorNet](#)” (1.9.2019), Shannon Roberts refere que “o Reino Unido tem agora um organismo governamental para a solidão, enquanto Dinamarca e Austrália lançaram campanhas para reduzir o problema. Na China, há uma nova ‘economia da solidão’ (...). Em julho, abriu as suas portas em Pequim, o Torro Loneliness Museum, com o objetivo de reproduzir cenas de solidão para os visitantes, de modo que mergulhem nelas e reflitam”.

Mas além do que já estão a fazer os governos, surgem também iniciativas privadas destinadas a fomentar a ligação intergeracional “que provaram ser eficazes”, assegura Roberts. Uma delas foi implementada no verão passado precisamente na China, numa residência de idosos em Hangzhou: uma dezena de jovens na casa dos 20 anos mudou-se para a instituição, onde pagam um alojamento muito económico e, em troca, passam um mínimo de 20 horas por mês a conversar com os idosos e ensinando-os, por exemplo, a como usar os telemóveis e os *tablets* para comunicarem com os seus familiares.

Nos EUA, por seu turno, as experiências deste tipo são já bastante comuns. Na residência para idosos Ashlar Village, no Connecticut, vivem estudantes universitários que têm o seu próprio apartamento e que dedicam oito horas por semana a conviver com os idosos. “Este sítio está mais cheio de vida que muitas das salas de aula da minha *college*”, diz John Morgan, um dos jovens.

Outra instituição, o Champion Intergenerational Enrichment and Education Center, de Columbus, Ohio, acolhe um programa de atendimento diurno a pessoas da terceira idade e uma creche, e realiza atividades partilhadas para ambos os grupos. Por exemplo, duas vezes por semana, um terapeuta ensina, com o auxílio de canções, linguagem gestual a grupos de crianças e idosos.

Roberts refere que “na Nova Zelândia, uma amiga criou um conjunto musical de crianças do ensino pré-escolar numa residência de idosos, e reúnem-se uma vez por semana. Comprovou assim que não é difícil organizar atividades que juntem as pessoas, e que todas beneficiem dessa interação. Outro amigo, que visita a sua mãe todos os dias no asilo, diz-me muitas vezes que os bebés e as crianças iluminam o rosto da maioria dos residentes”.

“Uma maior consciência do potencial destes sítios partilhados pode criar novos ambientes para romper as barreiras entre jovens e idosos, e talvez criar vínculos intergeracionais positivos que lhes mudem a vida”, conclui.

## “Sueños y pesadillas liberales en el siglo XXI”

“Liberalism. The Life of an Idea”

Autor: Edmund Fawcett  
Página Indómita. Barcelona (2019)  
281 págs.

Depois de cristalizar como corrente política no século XIX e alcançar os seus maiores sucessos com a consolidação do Estado Providência após a II Guerra Mundial, as múltiplas frentes abertas que encara o [liberalismo democrático exigem uma paragem para o seu repensar](#) (“Aceprensa”, 19.1.2018). Com este empenhamento, Fawcett, correspondente durante mais de 30 anos para a “The Economist”, publicou em 2015 um extenso livro sobre vários dos mais destacados liberais dos séculos XIX e XX. Este ensaio retoma a introdução e a última parte, da qual toma o título.

Para o autor, num dos seus contributos mais sugestivos, o liberalismo resiste a uma definição concisa. Em vez de aprofundar possíveis fontes filosóficas, Fawcett pormenoriza os quatro princípios que revelam o verdadeiro liberal e o distinguem dos seus principais opositores, os socialistas e os conservadores. Como sinal distintivo, o liberalismo aceita os conflitos como parte da sociedade, embora possam ser mitigados e, na melhor das hipóteses, aproveitados. Também se opõe ao poder ilimitado, seja social, político ou económico; como terceiro princípio, professa uma fé positiva em que os males sociais podem ser remediados e, por último, exige que tanto o Estado como a sociedade respeitem, através da lei, a vida, as opiniões e os projetos das pessoas.

Uma vez aplicados, estes princípios foram conduzindo os países para a igualdade jurídica, para uma ordem ética alheia à autoridade divina ou às tradições estabelecidas, para um sistema económico no qual as ingerências do Estado e dos

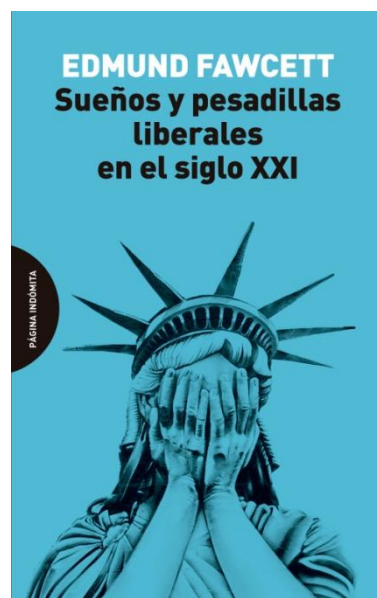
monopólios foram minimizadas, e para um sistema político, garantido por instituições fortes, onde não existem autoridades absolutas nem poderes indivisos, e no qual os cidadãos exercem um elevado grau de controlo.

O que torna tão sedutor o liberalismo é que nenhum dos seus quatro princípios se impõe aos restantes. Através da primazia da política, e graças ao debate, à negociação e ao compromisso, os liberais procuram satisfazer em simultâneo diversas exigências conflituosas. No seu diagnóstico, o autor salienta que o seu maior fracasso nas últimas décadas consistiu, precisamente, em permitir que todos os poderes fossem exercidos ao serviço de alguns poucos, e não de toda a sociedade.

Com esta abordagem, ajuda a definir e entender o liberalismo mais pelo que faz, do que pelo que diz, delimitando e iluminando uma corrente política muito sólida, que abarca direita e esquerda, e que ainda possui a força suficiente para sair do atoleiro em que parece presa.

Obras como a presente são um guia adequado para se situar no contexto social e político com argumentos coerentes, e ajudam a clarificar algumas ideias ambíguas sobre o verdadeiro valor – apesar das suas lacunas – da democracia liberal.

D. P.



## “El retorno del mundo de Marco Polo”

“The Return of Marco Polo’s World”

Autor: Robert D. Kaplan  
RBA. Barcelona (2019)  
352 págs.

Robert D. Kaplan, jornalista, historiador e representante do realismo no âmbito das relações internacionais, reflete neste livro, que recolhe artigos publicados em “The Atlantic” e “The National Interest”, em temas que já abordou em “[The Revenge of Geography](#)” (“Aceprensa”, 5.2.2014), onde situava a geopolítica no primeiro plano da análise internacional.

O regresso de Marco Polo é, ao mesmo tempo, o [regresso da Eurásia](#) (“Aceprensa”, 3.5.2019), que já não formaria uma massa terrestre diferenciada separada pelos Urais. Esta é uma configuração que poderia converter a Europa numa mera península da Ásia, o que coincidiria também com um progressivo declínio do próprio Ocidente, uma tendência que se teria vindo a acentuar desde o início do pós-guerra fria.

Kaplan é claramente influenciado por alguns clássicos da geopolítica como Halford Mackinder que, em 1904, já falava do *Heartland* euro-asiático e do *World Island*, que viria a ser a Afro-Eurásia. Nesse cenário, os EUA têm um protagonismo externo, sublinhado por Kaplan: o de serem a grande potência marítima mundial, apesar dos elevados custos das construções navais.

A posição de Kaplan, inimigo das intervenções terrestres, é similar à de outros estrategas realistas, que procuram um ponto intermédio entre o isolacionismo e o intervencionismo. Em caso algum considera Donald Trump um presidente realista, dado que o seu conceito exclusivo de interesse nacional o leva a abandonar os seus aliados.

Kaplan encara a mutação da Eurásia como o progressivo enfraquecimento do sistema europeu de Estados consagrado na paz de Westfália. Além disso, o regresso do mundo de Marco Polo, edificado por Gengis Khan e pelos seus sucessores, está a fazer-se também por meio de um mapa fluido e variável de estradas, vias ferroviárias, oleodutos, gasodutos e redes de fibra ótica. É o ambicioso projeto da nova Rota da Seda, a chamada *Belt and Road*, que a China está a construir. Esta tentativa de unificação económica não desemboca necessariamente num cenário internacional mais seguro, pois, como refere Kaplan, nada disto é incompatível com perturbações e grandes conflitos.

Neste sentido, o ensaio apresenta um mundo instável e perigoso, no qual o conceito de Ocidente, forjado no século XX pela aliança entre a Europa e os EUA, se desvaneceu, e onde Washington tem de velar pelos seus interesses imediatos.

A. R. R.

